

1.

Eu tinha o costume de caminhar à noite quando era mais jovem. Principalmente no verão, quando a luz permanecia por mais tempo no céu, porque era interessante em minha cabeça pensar num pôr do sol perto das oito da noite. O céu laranja que irradia uma leve e tênue tristeza. Lembro que numa dessas ocasiões choveu forte, mas era uma chuva de uma nuvem só, localizada num ponto do céu, quando você nota aquele fio de água turvando aquele pequeno espaço. Uma sinfonia silenciosa num ponto tão pequeno do universo. Vem a imagem dos pés encharcados dentro do tênis, verão em seu pico. As folhas farfalhando e o sentimento que engole e sufoca. Cada lembrança, cada faísca, cada memória. E nada – absolutamente nada – lhe será compensado. A insônia posterior é quase uma certeza, e me colocarei novamente nessas ruas pensando nos livros que li, na imagem mental que faço ao imaginar aquelas pessoas caminhando igual a mim, sem rumo, sem prescrições, sem porquês. O contraste da noite com o entardecer de antes. Luz e escuridão. A divisão que faz despertar o que éramos e o que somos sem saber qual lado é o certo, as situações que pensamos e imaginamos poder consertar num episódio hipotético, os cruzamentos morais, mentais e geográficos do que achamos ser. O terror e medo correm a pele e tudo é preenchido de escuridão, de chiaroscuros sublimes que queimam o percurso para lugar nenhum. Era assim. Eu andava com um tênis velho, bermuda surrada, descendo e subindo as ladeiras de meu antigo bairro. Algumas horas

por largos minutos, ansiando o que aconteceria nos passos seguintes. O corpo, sua máquina vibrante e tão silenciosa, gritando pensamentos e escurecendo caminhos para confirmar o que já sabíamos desde o entardecer de todos os dias. A percepção de uma parte de você proporciona uma liberdade falsa e esmagadora de sonhos. E quando nos vemos a primeira vez com então vinte e tanto anos, depois do fim de um casamento infeliz, completamente infeliz. Aquela separação mental que dá a liberdade, o marco zero, a possibilidade de conseguir de se virar para trás e enxergar quem você era quando, muito tempo atrás, ainda moleque, vislumbra o instante mágico do tempo em que agora se encontra. Encontros e desencontros. E virei para trás e olhei para o passado, triste – obviamente – e movido pelas circunstâncias do momento. Imaginar como os olhares dos dois se encontraram, um deles cheio de vida, o outro um pouco mais sem cor. E o mais velho viu o questionamento ferrenho no olhar do mais novo: afinal, quem você se tornou, o que foi capaz de fazer em vida? E o velho teria sido obrigado a responder, ainda sem pensar em sair correndo: Nada, só queria subir para uma nuvem errática, mas andei por toda parte, escrevi livros sobre o que vi e senti, compus canções inúteis, levantei infinitas perguntas para mim e para diversas pessoas, mas ainda não consegui chegar naquela nuvem. Fecho os olhos. A nuvem parece um lugar impossível para mim. Um lugar tão pequeno, mas enorme ao mesmo tempo. Afinal, qual é o problema? Se é que existe um problema. Queria poder dizer “amanhã partirei”, e compreenderia nisso uma mudança, uma ruptura com o que era e o que serei. Por que desejo algo tão simples aos olhos alheios? Volto a andar, queria caminhar até amanhecer,

